

Vestidos de reforma de Emilie Flöge: desenvolvimento de um fanzine para divulgação científica das contribuições de uma designer para a moda

Felipe Correia Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/4204763582856312>
felipe.cr@outlook.com.br

Ana Júlia Mello Coelho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/7573208635861267>
anajulia.mello.56@gmail.com

Resumo

Emilie Flöge foi uma designer de moda austríaca que figurou durante a Secessão Vienense. Apesar de sofrer um apagamento historiográfico desde a Segunda Guerra Mundial, deixou um legado no seu estilo de costura ao atribuir modelagem solta às roupas femininas – de forma a objetivar uma movimentação mais livre do corpo da mulher. Essa contribuição de Flöge para a moda foi transformada em um fanzine que pudesse ser distribuído, acessado e reproduzido por outras pessoas, visando a Divulgação Científica desse conteúdo e disseminação da memória e da obra da austríaca. Para isso, o design, enquanto pensamento projetivo, foi utilizado para corroborar com o desenvolvimento do material editorial – incluindo pontos imprescindíveis como a leitura dos textos, clareza do conteúdo e construção da atmosfera visual de acordo com o assunto tratado.

Palavras-chave

Emilie Flöge; Fanzine; Divulgação Científica; Design de Moda; Motivação Educacional

Emilie Flöge's Reform Dresses: the development of a fanzine for the scientific dissemination of a designer's contributions to fashion

Abstract

Emilie Flöge was an Austrian fashion designer who figured during the Viennese Secession. Although she has been historically erased since the Second World War, she left a legacy in her sewing style by giving women's clothes a relaxed fit - in order to allow women's bodies to move more freely. Flöge's contribution to fashion was transformed into a fanzine that could be distributed, accessed and reproduced by other people, with a focus on the Scientific Dissemination of this content and the dissemination of the Austrian's memory and work. To achieve this, design, as projective thinking, was used to support the development of the editorial material - including essential points such as the readability of the texts, the clearness of the content and the construction of a visual atmosphere in accordance with the subject matter.

Keywords

Emilie Flöge; Fanzine; Scientific Dissemination; Fashion Design; Educational Motivation

1 Introdução

Nascida de um protesto dos membros mais jovens da Associação dos Artistas Criativos de Viena, a Secessão Vienense foi um movimento artístico do início da transição do século XIX para o XX caracterizado pela experimentação gráfica e fusão de texto, ornamento e ilustração (MEGGS; PURVIS, 2009, p. 289-294). Esse movimento foi um dos temas retratados durante a disciplina de História do Design I, componente obrigatório da grade curricular da graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Durante o transcorrer da disciplina, diversos nomes dos mais diferentes movimentos artísticos, incluindo a Secessão Vienense, foram apresentados: William Morris, John Ruskin, Koloman Moser e outros – todos enquadrados no final do século XIX europeu, período que, para o andamento das aulas, era considerado como a gênese do Design como atividade projetual. Entretanto, era visível a escassez de nomes femininos ao longo do curso – um cenário que era possível reflexo da bibliografia do componente curricular: dos seis materiais utilizados como referência, apenas um é de autoria feminina (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, s.d.). A citação de personalidades femininas que atuaram no período se restringia à breve demonstração de alguns trabalhos pontuais que se destacaram naquele momento – era notório o sobressalto do número de projetos desenvolvidos por homens nos materiais fornecidos.

Na historiografia do Design, como um todo, são escassos os nomes de mulheres que se destacaram na atividade projetiva e, comumente, elas estão às margens das figuras masculinas:

Nos livros “clássicos” de História do Design, encontramos inúmeros nomes de designers que se destacaram em determinados movimentos artísticos ou pelas suas criações. Desses nomes, porém, poucos são de mulheres. Podemos lembrar de uma ou outra designer citada nos livros, contudo, as mulheres parecem ser coadjuvantes de uma narrativa histórica feita e escrita majoritariamente por homens (Cresto, 2024, p. 2).

Nas citações pontuais de trabalhos desenvolvidos por personalidades femininas, um nome acabou chamando a atenção: Emilie Flöge. Natural de Viena, Flöge, que figurou durante a Secessão Vienense, foi uma designer de moda e empresária – iniciou sua carreira montando um estúdio de confecção junto com suas irmãs, Helene e Pauline. Denominada “Schwestern Flöge” (Irmãs Flöge, tradução nossa do alemão), a produção estava localizada em um dos principais endereços de da capital austríaca e foi palco dos chamados “Reformkleider” (Vestidos de Reforma, tradução nossa do alemão). Esses vestidos não foram nomeados desta forma pelo acaso – eles rompiam com os padrões dos vestidos à época por priorizarem o movimento livre do corpo, contrapondo a produção das roupas compostas por estruturas que limitavam a movimentação, como anquinhãs e crinolinas.

Apesar de tamanha contribuição para o Design de moda, essa questão diferencial do trabalho de Emilie não foi apresentada durante a disciplina. A foto de seu vestido, naquele caso, estava restrito à duas funções: demonstrar a estampa gráfica característica do vestido e também realizar a associação da designer como musa inspiradora e enlace amoroso de Gustav Klimt, como visto no quadro “O Beijo” do pintor austríaco.



Figura 1: Quadro "O Beijo", de Gustav Klimt, 1907-1908.
Fonte: Vogue.

Nesse contexto, ocorreu uma sensibilização dos autores para a realização de um trabalho textual expositivo sobre os Vestidos de Reforma, como parte da avaliação final da disciplina de História do Design I. A partir deste trabalho, de forma autônoma, ocorreu o desenvolvimento de um “zine” (forma curta para “fanzine”) – “[...] revistas produzidas autoral e independentemente, de maneira individual, em dupla, ou coletivamente, que dissertam sobre todos os temas possíveis” (ANDRAUS; MAGALHÃES, 2021, p. 9).

Essa decisão, além de própria, possuía o viés de expor publicamente e manter viva a memória do trabalho realizado por Flöge, que pensava projetualmente como adequar objetos tão corriqueiros – as vestimentas – à ebulição social e mudança de estilo de vida da mulher, que se tornava tão agitado. Além disso, o projeto foi pautado na Divulgação Científica (DC) – campo do conhecimento que facilita e amplia o acesso do público leigo aos fenômenos estudados pela ciência (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021). De acordo com Sarita Albagli (1996), a DC possui três motivações definidas, sendo elas:

1. Educacional: Foca na ampliação do conhecimento de um público leigo e estimular sua curiosidade científica;
2. Cívica: Cria uma base de conhecimento que possibilita a população de ter acesso e compreensão de seus direitos;
3. Mobilização Popular: Capacita a sociedade para participar de forma ativa em tomadas de decisão que reflitam a reivindicação de seus direitos como cidadãos.

Assim, este artigo objetiva demonstrar o processo de desenvolvimento projetual e produção de um zine que se utiliza da motivação educacional da DC de Albagli (1996) para ampliar o conhecimento da sociedade sobre as contribuições de Emilie Flöge para o Design de Moda, apagadas desde o incêndio em seu apartamento durante a Segunda Guerra Mundial. Não apenas isso, mas este texto também visa apresentar como o Design pode ser um potencial aliado no desenvolvimento de um objeto editorial com finalidade de Divulgação Científica.

2 Metodologia

De forma primária, a coleta de conteúdo foi feita a partir de referências bibliográficas físicas e digitais. Essa pesquisa envolveu, com mais atenção, a análise das características dos vestidos, como sua forma e produção – além do contexto que os envolvem em âmbito ampliado: como o contexto histórico da vida social na Europa e a inserção político-econômica dos artefatos. Essa consulta realizada em fontes secundárias envolve uma parte vantajosa para o pesquisador por permitir o contato com uma gama muito maior de fenômenos, em comparação com a pesquisa direta (GIL, 2008, p. 50).

Com a pesquisa de informações feita para o trabalho da disciplina, foi julgado pelos autores tornar público e acessível o conteúdo dele. O foco entra, então, na Divulgação Científica – visto que "o compartilhamento do conhecimento gerado facilitará sua incorporação pela sociedade, que por definição deve ter o direito de acesso a tal conhecimento" (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 21). Tornou-se prioridade transformar as informações encontradas, muitas vezes em outras línguas como inglês ou alemão, em um material que pudesse ser consultado, baixado e reproduzido por outras pessoas.

Para realizar a Divulgação Científica do conteúdo, os autores decidiram por fazê-la através da confecção de um *zine*. Surgido no contexto dos Estados Unidos do século XX, o chamado "fanzine" – contração do termo "fanatic magazine" (revista do fã, em tradução do inglês) – teve sua produção iniciada por leitores de ficção científica (PINTO, 2020, p. 11 apud Magalhães, 1993) e é uma produção amadora que não possui caráter lucrativo (PINTO, 2020, p. 11). Além disso, "é caracterizado pela paixão de seu editor por um determinado assunto" (PINTO, 2020, p. 11 apud Guimarães, 2005). Por ter um viés de criação artesanal, ele pode ser produzido dos mais diversos formatos – geralmente partindo do tamanho A4, admitindo tamanhos maiores, o conteúdo de suas páginas (criadas a partir de dobras) pode envolver recortes, colagens, imagens, texto escrito à mão ou diagramação digital, ficando a critério de seus autores.

Essa sua característica artesanal abre possibilidades de ser incorporado a diversos contextos: educacional, bibliográfico, artístico e outros. Alguns autores, como Fernandes e Carvalho (2007), retrataram o sucesso na utilização dos zines como uma ferramenta didática em salas de aula do ensino básico, já Loureiro e Nascimento (2018) apontaram que os fanzines são instrumentos eficazes para a disseminação científica e auxiliam no processo de alfabetização científica. Tendo em vista esse potencial na educação, seria necessário que seu acesso se realizasse em um espaço de amplo tráfego de pessoas. Para isso, o material foi disponibilizado na internet – lugar que atualmente se configura, dentre outros potenciais, como um notório espaço informal de educação.

A internet foi definida como principal meio de hospedagem do material devido ao grande fluxo de usuários e capacidade de entregar a informação contida no material para diversas partes do Brasil e do globo terrestre. Isso também é amparado pela gratuidade do objeto desenvolvido e por seu conteúdo disponibilizado na íntegra – objetivando sua reprodução física por aqueles interessados no tema retratado e destacando seu potencial utilitário como objeto de estudo.

3 Os Vestidos de Reforma de Emilie Flöge

Antes de iniciar a narração do processo de desenvolvimento do *zine*, cabe introduzir os feitos de Emilie Flöge e demonstrar o papel fundamental que exerceu na história da indumentária – conteúdo esse obtido através da pesquisa por referências bibliográficas.

3.2 Características e contraponto social

Os vestidos de Emilie Flöge fazem parte de um movimento chamado originalmente “Reformkleider”, ou em português, “Vestidos de Reforma”. O nome não é em vão: as vestimentas destinadas ao público feminino rompiam com o padrão da época porque tinham o objetivo de priorizar o movimento, a praticidade e o conforto. Essas características se opunham às tradições de vestimenta daquele período, momento em que elementos como o corset eram fundamentais para o guarda-roupa das mulheres (GRAVER, 2021, tradução nossa).



Figura 2: Emilie Flöge utilizando um dos seus Vestidos de Reforma.

Fonte: Getty Images.

Em 1904, Emilie e suas irmãs, Helene e Pauline, inauguraram a *Schwesteren Flöge*, escritório de moda que foi palco da produção dos “Vestidos de Reforma”. Essa tendência de simplificação das vestes é geralmente atribuída ao estilista Paul Poiret, mas suas produções só passaram a ocorrer em 1906, dois anos mais tarde (COUGHLAN, 2024, tradução nossa). Flöge, portanto, apontou um novo caminho para esse campo, onde a liberdade se torna prioridade para trajes que até então eram dotados de estruturas limitantes.

Uma das características mais marcantes dos trajes de Flöge, é a modelagem reta. Enquanto a tendência no início do século XX eram vestidos com formato de corneta e mangas drapeadas, a estilista seguiu um formato reto que não marcava o corpo e com mangas simples. Isso se contrapunha às roupas do século XIX que se caracterizavam principalmente pelo uso demasiado de corsets, crinolinas e anquinhos. Essas estruturas que desenhavam o corpo eram de notório desconforto – uma vez que essas peças, como a crinolina, por exemplo, eram feitas de metal, causavam feridas e, até mesmo, a morte de várias mulheres devido ao seu peso e tamanho que favoreciam a ocorrência de acidentes. (VENTURA, 2023).

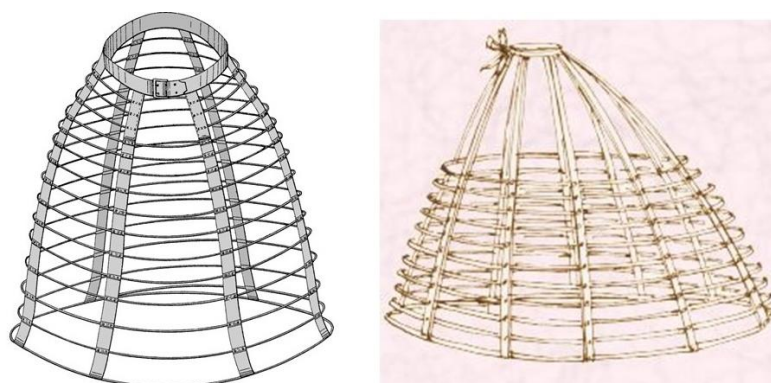


Figura 3: Exemplos da estrutura de crinolinas.

Fonte: Stud História.

A modelagem larga e leve foi possivelmente inspirada em produções do continente africano e asiático, já que havia um interesse notório das vanguardas europeias pelas culturas desses continentes (FONSECA, 2009). Vale lembrar que nessa mesma época o imperialismo europeu estava em busca de novos mercados consumidores e de matéria-prima para a produção fabril, o que pode ter contribuído na obtenção de novas inspirações.

Sua produção, apesar de aparentar ser voltada a um público mais nichado, visto que boa parte das imagens que se têm de arquivo são dela mesma usando os vestidos, conseguiu estabelecer uma base sólida de influência, atendendo também clientes fora do continente europeu, como as mulheres estadunidenses (FURMAN, 2017, tradução nossa).

Apesar de ter contribuído com feitos atemporais na modelagem estilística, a história de Flöge, itens e documentos da *Schwester Flöge* e outros arquivos de Gustav Klimt foram perdidos em um incêndio que atingiu o apartamento onde moravam, durante a Segunda Guerra Mundial (KLIMT FOUNDATION, s.d., tradução nossa).

4 Processo de construção do zine

Durante o desenvolvimento gráfico, questões como o formato e o meios de construção moldaram o processo – isso porque definiriam decisões posteriores, como tamanho de textos e imagens, ferramentas de trabalhos e métodos de impressão.

4.2 O formato

O formato escolhido para o *layout* do zine foi em A3, isso porque é um tamanho facilmente encontrado para impressão digital, e, portanto, acaba por possuir custos mais acessíveis para a produção independente. Esse tamanho A3 deveria ser dividido em 8 páginas, sendo a primeira delas a capa, e a última, o resumo do trabalho com a autoria. Portanto, cada página teria aproximadamente dez centímetros de largura por quinze centímetros de altura. Então, com esses parâmetros, a folha poderia ser dobrada e sofrer cortes para seguir em um formato de “revista”, logo após a impressão.

Como o verso seria um pouco mais complicado de trabalhar por conta dessas dobras e cortes na parte frontal, ele foi definido como uma peça única, sem diagramação editorial, e que poderia ser vista com o desdobre do zine – mas neste momento da definição do formato, ainda não havia certeza sobre seu conteúdo.



Figura 4: Layout frontal em prancheta do Adobe Illustrator com as marcações de páginas.

Fonte: Os autores.

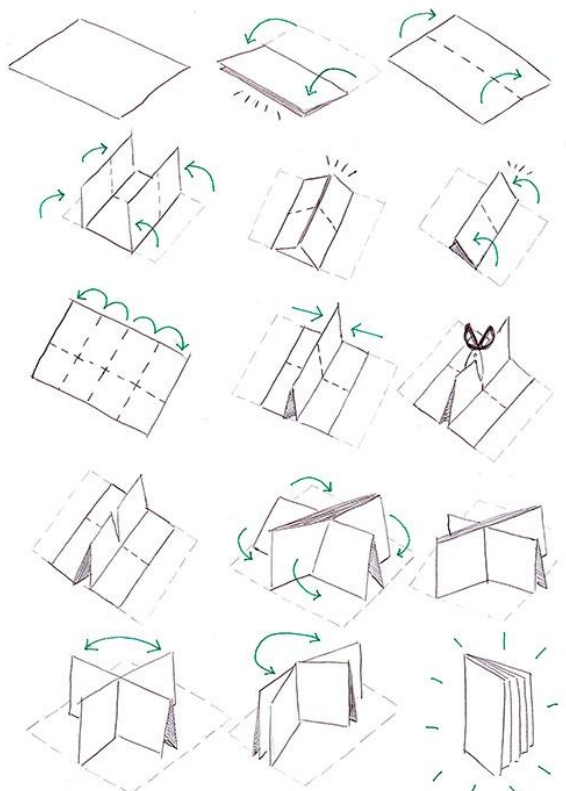


Figura 5: Passo a passo da confecção de um zine.

Fonte: Baú Pedagógico.

4.3 Ferramenta de trabalho

A ferramenta escolhida como apoio ao desenvolvimento do produto gráfico foi o Adobe Illustrator – *software* gráfico que possibilita a criação de imagens vetoriais. Essa ferramenta foi essencial ao processo por ser um programa vetorial, isso por possibilitar que textos e imagens pudessem sofrer variações em seus tamanhos, sem comprometer a qualidade. Isso ganha maior importância nesse caso, visto que as imagens que estavam sendo manipuladas eram do início do século XX, uma época que as técnicas de fotografias capturavam poucos detalhes para serem reproduzidos.

Além disso, a extensão do arquivo Illustrator (".ai") é aberta e editável por outros *softwares* gráficos vetoriais, como o Corel Draw, o Affinity Designer e o Inkscape. Isso foi um facilitador na criação do *zine*, pois, utilizando esse recurso, os autores poderiam trabalhar remotamente ao longo do processo, realizando as edições pertinentes, salvando o arquivo, e enviando as novas versões um para o outro. Caso houvesse maiores problemas, seja com o programa da Adobe ou falhas na leitura do arquivo para a impressão digital, outros programas vetoriais poderiam entrar em ação para finalizar a edição e realizar o fechamento do arquivo.

4.4 Decisões gráficas e de redação

Com o formato, método de produção e ferramenta de trabalho já previamente estabelecidos, o próximo passo seria a montagem gráfica da peça. A primeira condição já estava imposta: como o produto final, apesar de ser disponibilizado em meio virtual, poderia ser reproduzido em impressão digital, o arquivo deveria ser construído com o perfil de cores em CMYK. Essa sigla diz a respeito de um modelo de impressão subtrativo, onde as cores – obtidas através de retículas – são compostas a partir de quatro matrizes de cor: ciano, magenta, amarelo ("yellow") e preto ("black"/ "key color").

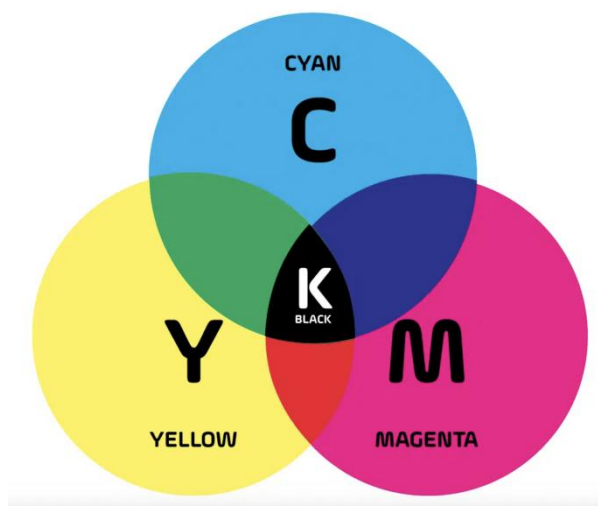


Figura 6: Sistema CMYK.

Fonte: Helyo.

O tamanho do *layout* também induziu a escolha da fonte e seu tamanho. Para o projeto, uma fonte facilmente legível teria que ser utilizada, já que o foco editorial e informativo do produto exige que a leitura não seja cansativa e/ou difícil. Por isso, foi atribuída a "Bevellier" em tamanho nove para o corpo de texto – uma fonte de uso gratuito, sem serifa, que foi dimensionada para não ser pequena demais e pudesse viabilizar a alocação de conteúdo suficiente para o bom entendimento do assunto retratado. Além disso, ela também foi escolhida por se assemelhar à tipografia mais alongada utilizada nas artes gráficas durante a Secessão Viena – como exemplificado na figura a seguir.

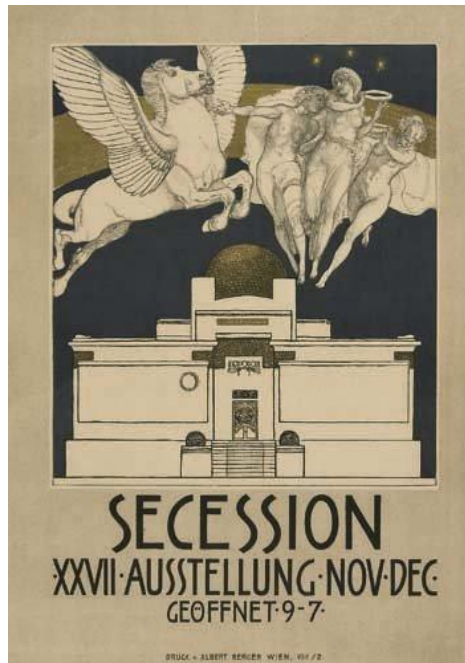


Figura 7: Cartaz da Secessão Vienense, de Rudolf Jettmar, 1906.
Fonte: Wikimedia Commons.

O resumo do conteúdo bibliográfico para o *zine* foi um ponto essencial, tendo em vista a limitação de espaço e a prevenção de tornar o texto algo maçante. O produto editorial focou em falar sobre as características dos vestidos de Emilie Flöge, fornecendo breves explicações sobre o contexto sócio-histórico da época, além de uma sucinta biografia da designer vienense. Uma decisão que também auxiliou nesse ponto foi interpolar o texto com imagens variadas de Flöge, suas criações e inspirações. Elas foram julgadas necessárias para melhor entendimento visual dos projetos da austríaca, de forma a complementar o texto escrito e tornar o conteúdo mais claro aos leitores. Para o estilo de redação, foi utilizada a norma culta da língua portuguesa, com a seleção vocabular clara, acessível e objetiva ao público, tendo em vista seu caráter de Divulgação Científica.

As imagens, no entanto, não foram os únicos recursos gráficos de maior impacto que foram levados em conta no desenvolvimento do projeto. Como o trabalho de Flöge também era conhecido por suas estampas geométricas – feitas sutilmente a partir da simplificação de formas orgânicas (Figura 8) – a padronagem também foi um recurso utilizado a favor da edição gráfica. As padronagens utilizadas no *zine* são inspiradas nos Vestidos de Reforma: triângulos, retângulos e quadrados que compõem as páginas configuram um caso simbólico de metalinguagem. As estampas, entretanto, não ficaram restritas à parte da frente do *zine*: uma padronagem inspirada em uma das obras têxteis mais famosas de Emilie (Figura 9) foi referenciada no verso por completo (Figura 10) – lugar que, até então, estava vago.

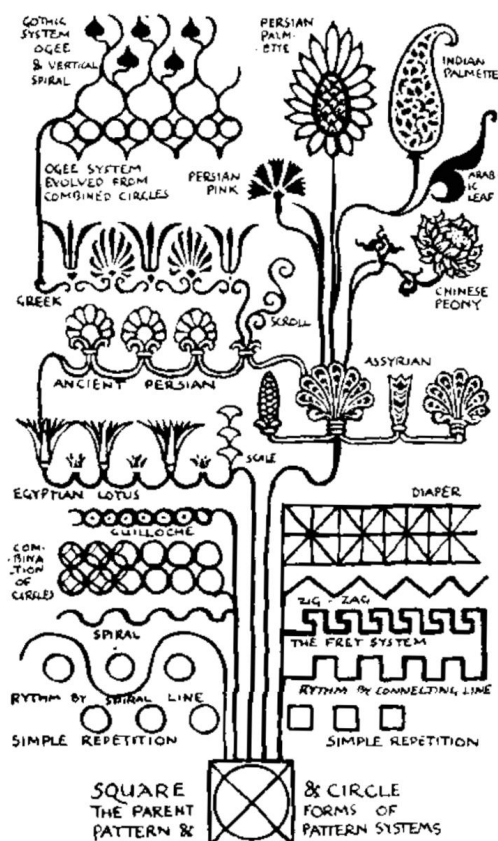


Figura 8: Diagrama de "Line & Form", de Walter Crane, 1900.

Fonte: História do Design Gráfico, de Phillip B. Meggs e Alston W. Purvis, 2009.

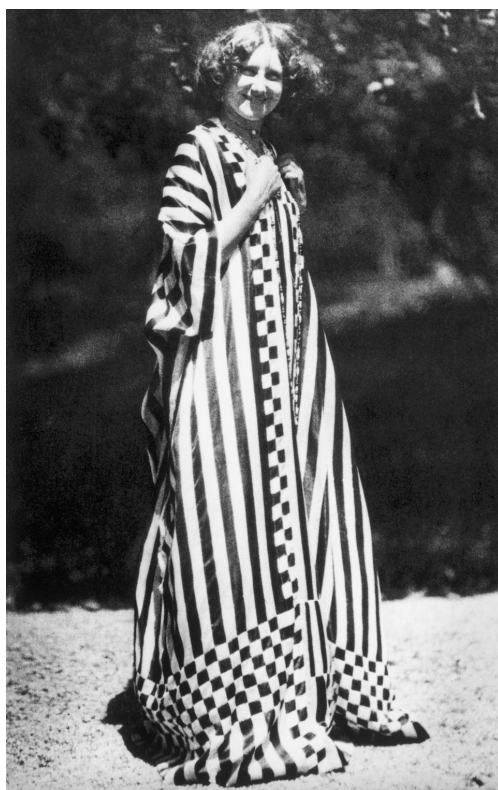


Figura 9: Emilie Flöge utilizando um dos seus Vestidos de Reforma.

Fonte: Getty Images.



Figura 10: Verso do zine desenvolvido, inspirado na estampa do vestido de Flöge.
Fonte: Os autores.

Outro ponto que merece ser destacado é a construção visual da capa. Sua margem foi inspirada nos grafismos do letreiro comercial da *Schwester Flöge*, costura familiar onde Emilie iniciou os trabalhos junto com as irmãs. O verde e o azul, duas das quatro cores predominantes no trabalho, também foram extraídas dessa e de outra variação de placa da loja, respectivamente (Figura 11). As outras duas cores, amarelo e rosa, também não foram selecionadas de forma livre – elas vieram de outras duas referências que cercam a vida da estilista. O amarelo teve como base sua predominância naquela que é, provavelmente, a obra que mais difunde a existência de Emilie: a pintura “O Beijo”, de Gustav Klimt. Já o rosa, teve origem na cor do tecido utilizado para confeccionar um de seus vestidos (Figura 12). Enquanto isso, as fontes “Amarante” e “Glass Antiqua”, utilizadas no título, foram escolhidas por remeterem aos *letterings* da Secessão Vienense.



Figura 11: Placas de sinalização da *Schwester Flöge*.
Fonte: Gustav Klimt Database (à esquerda) e Textile Art Magazine (à direita).



Figura 12: Vestido confeccionado por Emilie Flöge, na coleção de Claus Jahnke.
Fonte: Kat Sark.



Figura 13: Capa do zine desenvolvido.
Fonte: Os autores.

5 Resultados

Após a confecção feita em *software* vetorial, foi realizada a impressão digital do arquivo *zine* em A3. Foi escolhido o papel couchê 120g para receber a arte produzida, já que poderia ter um melhor acabamento e ser facilmente dobrável. As dobras e cortes foram realizados, o produto foi fotografado e seu resultado foi disponibilizado pelos autores no Behance – plataforma virtual de compartilhamento de projetos de design, arte e arquitetura. O arquivo final e as devidas instruções para obter o formato de “revista” também foram disponibilizados no site para *download* gratuito, visando difundir o projeto e seu conteúdo.



Figura 14: Zine impresso e desdobrado.

Fonte: Os autores.



Figura 15: Zine impresso e dobrado em estilo "revista".

Fonte: Os autores.



Figura 16: Imagem detalhada das páginas do zine
Fonte: Os autores.

6 Conclusão e considerações finais

Tendo em vista o apagamento histórico que Emilie Flöge e suas contribuições para o Design de moda sofreram ao decorrer da história, os autores, amparados pela motivação educacional da Divulgação Científica de Albagli (1996), optaram por transformar uma pesquisa prévia em um artefato de disseminação da ciência. Para isso, o Design, enquanto pensamento projetivo, foi aplicado como alicerce na construção de um zine expositivo. Nesse desenvolvimento, pontos como a exemplificação em imagens, leitura de texto e clareza do conteúdo informativo foram amplamente levados em consideração – tendo em vista o caráter de DC do projeto. Desse modo, foi possível obter uma organização visual que permite aos leitores uma fácil compreensão do assunto tratado – visando ter eficiência na comunicação e, assim, despertar o interesse científico do público. Junto a isso, a disponibilização gratuita integral do material na internet, para que possa ser analisado e reproduzido, também viabiliza a difusão da pesquisa.

As perspectivas futuras se concentram, agora, principalmente no encontro de outras plataformas para disponibilização do projeto – com objetivo em difundir ainda mais os feitos de Flöge para um quantitativo maior de pessoas e sensibilizá-las com suas produções. Esse encaminhamento, conjuntamente aos resultados obtidos, também destaca o potencial dos *fanzines* como peça de educação e Divulgação Científica, principalmente por serem acessíveis, independentes e de fácil confecção.

Referências:

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique. Apresentação. In: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). **Dossiê Fanzines, Artezines e Biograficines**: publicações mutantes. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 8-18. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/84>. Acesso em: 13 jul. 2025.

COUGHLAN, Isobel. **Loose-fitting clothes and no corsets! Who was Paul Poiret?** 12 out. 2024. Disponível em: <https://www.eternalgoddess.co.uk/posts/loose-fitting-clothes-and-no-corsets-who-was-paul-poiret>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CRESTO, Lindsay Jemima. As mulheres na história do design: das artes decorativas aos automóveis, o percurso de uma prática de ensino. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 15., 2024, Manaus. **Anais eletrônicos** [...] Manaus: EDUA, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/cadernoppgd/article/view/16426/9995>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FERNANDES, Hylío Laganá; CARVALHO, Amanda Karina Loyolla de. Gibiozine: quadrinhos e divulgação científica - compreendendo a ação dos vírus da Dengue no organismo humano. In: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). **Dossiê Fanzines, Artezines e Biograficines**: publicações mutantes. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 254-283. Disponível em: <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/84>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FONSECA, Patrícia Helena Soares. A Schwestern Flöge; arte e moda na Viena de Klimt. **Revista Belas Artes**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/revistabelasartes/article/view/20>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Política de Divulgação Científica da Fundação Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. *E-book* (32 p.). Disponível em: <https://fiocruz.br/documento/2021/03/politica-de-divulgacao-cientifica-da-fundacao-oswaldo-cruz>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FURMAN, Anna. **Before Coco Chanel there was Emilie Flöge**: a designer the fashion industry forgot. 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/culture/art-books-music/a12241915/klimt-muse-emilie-floge-forgotten-fashion-designer/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GRAVER, David. **Emilie Flöge**: more than Klimt's muse. 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.vogue.com/sponsored/article/emilie-floge-more-than-klimts-muse>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KLIMT FOUNDATION. **The Schwestern Flöge fashion salon**. [entre 2005 e 2024]. Disponível em: <https://www.klimt-database.com/en/network-vienna-1900/spheres-of-activity/the-schwestern-floege-fashion-salon/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

LOUREIRO, Karina Gomes dos Santos; NASCIMENTO, Ana Carolina Veras do. O fanzine como recurso didático para a conscientização sobre doenças transmitidas por alimento. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Recife. **Anais eletrônicos** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48103>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MEGGS, Phillip B.; PURVIS, Alston W. **História do design gráfico**. Tradução: Cid Knipel. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 720 p.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020. *E-book* (49 p.). Disponível em: <https://marcadedefantasia.com/livros/quiosque/fanzinenaeducacao/fanzinenaeducacao2ed.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Formulário de identificação da disciplina**: História do Design 1. Disponível em: https://www.ementario.uerj.br/ementa.php?cdg_disciplina=13928. Acesso em: 12 jul. 2025.

VENTURA, Dalia. **A peça íntima que causou morte de milhares de mulheres na era vitoriana**. 13 ago. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nwypgkk7vo>. Acesso em: 11 jul. 2025.